

As construções e desconstruções da sociabilidade em “Nunca te vi, sempre te amei” e “Denise está chamando”

The constructions and destructions of the sociability in “84 charging cross road” and “Denise calls up”

Rita de Cássia Brígido Feitoza*



Resumo

O presente artigo consiste em um cotejo entre duas produções cinematográficas – “Nunca Te Vi, Sempre Te Amei” e “Denise Está Chamando” – com o escopo de refletir sobre alguns aspectos do processo de metamorfose a que tem sido submetida a sociabilidade humana. Para a elaboração deste estudo, os filmes foram repetidamente assistidos. Suas principais ocorrências foram observadas, registradas, analisadas e interpretadas, explorando-se, sobretudo, as diferenças entre tipos de comunicação: a carta, em “Nunca Te Vi, Sempre Te Amei”; o telefone e o fax, em “Denise Está Chamando”. Após tais observações e paralelos, chegou-se à conclusão de que as relações mediadas pela tecnologia podem nos transformar em autômatos, incapazes de demonstrar nossos sentimentos. Este artigo constitui-se em um apelo: propõe a seus eventuais leitores uma reflexão sobre a relevância da sociabilidade no mundo atual.

Palavras-chave: **Sociabilidade. Tecnologia. Meios de Comunicação. Humanização.**

Abstract

The current article consists of a **comparison among two cinema productions** – “84 Charging Cross Road” and “Denise Calls Up” -, with the mark of contemplating on some aspects of the metamorphosis process to which the human sociability has been submitted. To accomplish this study, the pictures had been attended a lot of times. The main occurrences had been observed, registered, analyzed and interpreted, specially exploring the differences between types of communication: the letter, in “84 Charging Cross Road”; the telephone and fax in “Denise Calls Up”. After such comments and parallels, it got the conclusion that the relations generated by the technology may transform us into beings automatons, incapable to demonstrate our feelings. This article consists in one appeals: it proposes to the possible readers to think about the importance of the sociability in the current world.

Keywords: **Sociability. Technology. Means of Communication. Humanization.**

“Nunca me interesse por coisas que não aconteceram a pessoas que nunca viveram”. Assim declara a escritora Helene Hanff em uma de suas inúmeras cartas dirigidas a Frank Doel, gerente de uma livraria londrina especializada em edições raras - ambos, protagonistas do filme “Nunca te vi, sempre te amei”. A frase, no entanto, bem que se presta a definir a situação das personagens de uma outra produção cinematográfica: “Denise está chamando”.

Aparelhos de fax, computadores e, sobretudo,

telefones, em casas e apartamentos, cujos estilos de decoração *clean/high-tech* denunciam a falta de identidade e de singularidade de seus moradores; habitações construídas dentro de um centro urbano propositadamente retratado como uma cidade desértica; festas que não ocorrem, encontros que não se concretizam, personagens que não vivenciam a sociabilidade de forma sadia e completa; **coisas que não acontecem a pessoas que não vivem** - eis o panorama criado por Hal Salwen, diretor de “Denise

* Licenciada em Letras e Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em Direito e Processo Administrativo pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). E-mail: ritabrigido@yahoo.com.br

está chamando”, para expressar seu temor diante do uso desenfreado da tecnologia por parte do homem contemporâneo.

Nesse filme, a cena inicial é o fracasso de uma festa, retratado na expressão impassível da personagem Linda, a recolher as guloseimas que não foram apreciadas e a receber telefonemas de desculpas dos “amigos” ausentes, igualmente apáticos em seus sombrios casulos. Por sua vez, “Nunca te vi, sempre te amei” principia com a luz da rua: Helene chega a Londres e observa, em pleno êxtase, cada detalhe arquitetônico da cidade européia; segue para a antiga e pequena livraria Marks & Cia.; lá, começa a recordar seu passado - vinte anos de esplendorosas missivas nova-iorquinas e londrinas. Aqui a carta é veículo de encontro, contrastando com o que ocorre em “Denise está chamando”, em que o aparelho telefônico, apesar de mediador da aparente comunicação entre as personagens, é, contraditoriamente, aquele que a nega, ao restringi-la à voz, fazendo os interlocutores olvidarem um princípio básico da capacidade de relação humana: não apenas as cordas vocais produzem sons, mas, o corpo inteiro fala.

Na carta, as idéias são codificadas tão-somente por meios dos signos lingüísticos. O telefone, no entanto, tem a seu favor o benefício da voz. Partindo dessa premissa, era, pois, de se esperar que a comunicação fluísse com maior facilidade em “Denise está chamando” do que em “Nunca te vi, sempre te amei”. Não é, porém, o que ocorre. Neste último filme, a ausência da voz é suprida pela escrita encantada de expressividade, pelo humor manifesto ou subjacente nas entrelinhas e até pelo mau humor explícito de Helene em algumas missivas. Helene não escreve; concede voz às cartas - voz, por vezes, serena, grata, amorosa, solidária; voz, em outros instantes, intransigente, quando contrariada em seus pedidos de livros. Já em “Denise está chamando”, a voz, que *a priori* poderia vir a constituir-se em uma vantagem comunicativa, acaba, por sua má utilização, reforçando a relação gélida entre suas personagens. Isto porque as vozes, neste filme, surgem escravizadas a uma entonação morta, inexpressiva. São a negação da própria voz. Ao contrário do que ocorre em “Nunca te vi, sempre te amei”, em que a palavra escrita incorpora a sonoridade, permitindo-se ser voz, em “Denise está chamando” nada é posto no lugar do vazio de expressividade, nada vem a suprir o que as vozes não conseguem dizer. Nas cartas trocadas entre Helene e Frank, há corpos

falantes. Nos telefonemas de “Denise está chamando”, há vozes sem corpos, vozes de autómatos.

Ambos os filmes, todavia, não se restringem a nos proporcionar meras reflexões relativas à comunicação mediada por missivas ou aparelhos telefônicos. Vislumbra-se, à luz de tais produções cinematográficas, uma oportunidade ainda mais substancial: a de nos debruçarmos sobre suas cenas, verificando o processo de tecedura da sociabilidade humana em tempos absolutamente diversos. Para isso, contudo, urge, inicialmente, perquirir o conceito de sociabilidade.

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira diz que “definir uma palavra é capturar uma borboleta no ar” - uma imagem perfeita a traduzir a complexidade de se proceder a conceituações. Dificuldades à parte, há de se perseguir, neste momento, o significado da palavra *sociabilidade*, sem qualquer presunção, entretanto, de “capturá-lo” por completo, e sim crendo muito mais naquilo que possa vir a ser naturalmente revelado em um “breve pouso distraído da borboleta”:

Sociabilidade é a dimensão da vida humana que se ocupa em estabelecer relações caracterizadas pela espontaneidade, desvinculadas, portanto, de interesses políticos e econômicos. Não visa a atingir fins práticos, nem tampouco impõe valores ou padrões comportamentais. Diferentemente da socialização, não se caracteriza por ser um processo formal de aprendizado, embora acabe promovendo a transmissão de certos conteúdos decorrentes da interação entre os sujeitos. De acordo com G. Simmel (*apud* França 1995, p. 59), a sociabilidade é “*a forma lúdica da socialização*”.

A sociabilidade é tão vital ao ser humano, que o impedimento ad contato com o outro constitui até mesmo uma forma de tortura. As palavras de Gaiarsa (1984, p.73) evidenciam a imprescindibilidade das relações: “o outro está sempre aí - multidão inumerável que me envolve do primeiro ao último instante da vida. Que me envolve por fora e me invade por dentro. Tudo o que sou e o que faço se formou e acontece na relação com os outros”.

No filme “Nunca te vi, sempre te amei”, não seria equivocado dizer que os protagonistas quase se tocam, embora geograficamente distanciados. A cumplicidade e a fortaleza do vínculo estabelecido entre eles ao longo de vinte anos de correspondência permitem que, em certa cena da película, o diretor ouse abstrair da carta e faça tomadas de Helene e

Frank olhando diretamente para a câmera, sugerindo interação imediata e plena entre a escritora e o gerente da livraria. Exatamente o oposto ocorre em “Denise está chamando”: embora morando na mesma cidade, as personagens não conseguem ir além de um contato frágil, sempre mediado pelo aparato eletrônico, que, de fato, é a personagem mais constante do filme, da qual não se abstrai nem mesmo na hora do sexo, na hora da vida e na hora da morte.

Na cena do parto de Denise pode-se perceber um breve resgate dos sentimentos de vibração, apoio e estímulo, inerentes ao humano - porém extremamente limitados, haja vista a ausência de contato físico. O nascimento do bebê denota que, mesmo diante do isolamento reforçado pela parafernália tecnológica, a vida ainda comove o homem. É o único instante em que se estabelece, entre as personagens, uma ligação telefônica coletiva. Todos querem, de uma forma ou de outra, estar ao redor da vida. Todo ser humano, de uma maneira ou de outra, deseja estar vivo. Mas o espectador anseia por ver as personagens, neste instante, largando os telefones e correndo até o hospital para receber a vida em toda a sua plenitude de sentidos. E o espectador se frustra. Nem *Eros*, a pulsão da vida - que agrega, aproxima um indivíduo a outro, busca a continuidade da espécie -, arranca-lhes os aparelhos telefônicos dos ouvidos. É como se tais aparelhos já fizessem parte de seus corpos. Trata-se aqui de uma relação profundamente patológica. Não é por acaso que Salwen elabora a idéia da morte com o telefone penetrando o cérebro de Gale. *Thanatos*, a pulsão da morte - que age silenciosamente, que aspira ao inorgânico -, não manifesta interesse algum em abstrair do telefone na cena da morte em “Denise está chamando”, pois o que justamente deseja é a não-troca. É o telefone que penetra o corpo mortificado. É o telefone que toca, anunciando o falecimento. É a voz de Gale ao telefone o inexpressivo marco de sua pálida presença (quem ousaria dizer “existência”?) na Terra.

Uma ligação telefônica *coletiva* na hora do nascimento. Um telefonema *solitário* no momento da morte (apenas a voz de Gale gravada na secretária eletrônica de Linda). Que significados tais situações suscitam em nossas vidas? A compreensão de que nascemos destinados ao coletivo, à sociabilidade, mas, ao longo de nossa existência, é possível que enveredemos por trilhas distanciadas dessa meta primária, a nos conduzirem ao isolamento. Nossa natureza é, fundamentalmente, a de seres que se relacionam. À medida que vivemos, vamos nos

adaptando às descobertas e invenções de nossa época - um hábito salutar, pois não é a tecnologia, em si mesma, um mal; maléfico é o uso disparatado que se faz dela. Se não impusermos limites à ingerência das máquinas em nosso cotidiano, acabamos hipnotizados, dominados por seu fascínio. Nossas relações interpessoais, então, sofrem lamentáveis prejuízos, em face da permuta do sensorial direto (o olho no olho, a pele na pele, o face a face) pelo uso gélido dos sentidos: o “ver” através da tela do computador, o “ouvir” por meio do telefone, o “tocar” o teclado e o *mouse*. Nossos interlocutores imediatos passam a ser as máquinas. Gale é um exemplo disso: o instante final de sua “vida” não foi compartilhado com nenhum ser humano, mas, com três aparelhos tecnológicos - o carro que ela dirigia, o telefone ao seu ouvido e a secretária eletrônica de Linda. Uma vida de telefonemas, e, na hora da morte, uma ligação não atendida. Havemos, pois, de vigiar nossa conduta ante os modernos inventos da humanidade, para não incorrermos em erros semelhantes aos das personagens de Salwen.

O certo é que em “Denise está chamando” ninguém vai ao parto, ninguém vai ao velório. Nem vida nem morte conseguem resgatar o homem da inércia, à qual se entregou em cumplicidade com a tecnologia que ele próprio inventou. Nem vida nem morte o libertam do medo do contato real, tátil, vibrante.

A lágrima é ausência em “Denise está chamando” e presença sentida em “Nunca te vi, sempre te amei”. No primeiro filme, Gale morre. Seguem-se emoções enregeladas. Afinal, é somente uma voz a menos ao telefone. No segundo, Frank falece. Helene se entrega ao choro condoído - reação natural ante a perda de um ente amado. Resoluta, a escritora parte para Londres. Já é hora, mais que hora, de ver Frank, ainda que isto signifique apenas entrar na livraria Marks & Cia, olhar a cadeira vazia onde ele se sentou por mais de 40 anos e ter a sensação de respirar o ar que ele respirou. Enquanto a morte não move nenhum dos “amigos” e *des*-conhecidos ao velório de Gale (embora todos morem na mesma cidade - aliás, todos **morrem** na mesma cidade... estão a morrer e nada fazem a respeito), em “Nunca te vi, sempre te amei” a morte desloca Helene do continente americano até o continente europeu. É morte que é vida, porque não petrifica, não congela, não automatiza o ser, suas emoções e seus sentimentos.

Em “Denise está chamando”, os telefones tocam, mas as pessoas não tocam umas às outras. Profundo paradoxo: a tecnologia, à proporção que promove o

contato, o prejudica; conduz o homem à comunicação, mas, ao mesmo tempo, remete-o à solidão. Com o surgimento dos computadores, tal cenário agravou-se, pois os relacionamentos (se é que podemos assim chamá-los) cada vez mais ocorrem ao nível da incompletude do universo virtual, a desprezar o tato como uma linguagem preciosa, a condenar a infinitude do olhar humano à tela do computador, a imobilizar os indivíduos em seus espaços cotidianamente solitários, a trancar a porta para a luz da rua e para a vida da cidade.

O homem contemporâneo condena-se ao contato e ao isolamento esvaziados de sentido. O receio maior é que em gerações vindouras a condição humana venha a padecer de uma medíocre inversão: a solidão passe a não mais comover, afligir o homem; o contato real, sim, torne-se aflitivo. É nesse nível que se mostram as personagens de “Denise está chamando”: não reagem à solidão; talvez não a desejem, mas a preferem a terem que superar a agonia do encontro; o isolamento parece-lhes um terreno mais seguro; por comodidade e medo, a ele se entregam sem resistências, sentindo-se, assim, menos vulneráveis; a simples prática de gestos tão cotidianos como andar nas ruas, tocar o outro, fitar semblantes e expor o seu causa-lhes ansiedade extrema. É a sociabilidade em crise!

A mesma tecnologia que dá ao homem a possibilidade de se manter como ostra encerrada em uma concha é também aquela que o invade: câmeras por todos os lados – em elevadores, lojas, bancos etc. –, constante vigilância de gestos e passos. Aí acontece uma verdadeira subversão da noção de privacidade: há contato, mas há solidão; há solidão, mas não há privacidade. Trata-se de um isolamento invadido, o qual furta ao indivíduo o usufruto dos aspectos positivos da própria solidão: o estar *voluntariamente* sozinho para, diante de si mesmo, favorecer-se com as reflexões sobre seu “ser” e seu “viver”; o estar *prazerosamente* sozinho para entregar-se ao ato criativo, à arte; o estar *encantadoramente* sozinho para interagir com a natureza e o silêncio revitalizadores.

Não é um beneficiário da tecnologia aquele que, em decorrência do uso imponderado e vicioso das máquinas, acaba por castrar sua espontaneidade e criatividade. O que aí se configura é uma relação de dependência, a qual já vem sendo foco de observação de

alguns estudiosos do comportamento humano. Young, por exemplo, refere-se a uma nova patologia surgida nesses tempos cibernéticos: *o vício decorrente do uso intensivo da Internet*. Ressalte-se, no entanto, que este não é um diagnóstico pacífico entre os profissionais de psicologia¹.

Se a existência ou não desse vício é ainda um ponto a ser mais amplamente discutido, certo é, entretanto, que a tecnologia vem causando alterações contínuas na constituição psíquica do homem, ao ensejar fenômenos como o do excesso de informação, ao agravar alguns conflitos psicológicos preexistentes à sua origem (dentre eles, o isolamento e a depressão) e ao criar tantos outros, como, por exemplo, o estresse tecnológico.

Um número cada vez mais crescente de pessoas adota a *Internet* como uma segunda “realidade” em seu cotidiano, ou mesmo, em casos extremos, como a primeira. Seria ingenuidade pensar que o *agir*, o *viver* e o *ser* permaneceriam intocados no ciberespaço. Não se pode negar: *com* e *na Internet*, novas formas de “relacionamento” estão sendo experienciadas - maneiras outras, nem sempre tão saudáveis, de exercer a sociabilidade. Não é que os modos de agir e de ser estejam sendo repensados e, a partir daí, modificados. Tampouco se está exercitando a trajetória inversa (alteração e posterior ponderação). Na era cibernética, não há tempo para reflexões. A velocidade de nosso cérebro, pelo menos até os dias de hoje, ainda é incapaz de acompanhar o ritmo célere da profusão de informações que nos chegam incessantemente todos os dias.

Não se há de negar que a tecnologia reduz muitas dificuldades do cotidiano do homem contemporâneo, porém provoca tantas outras, a começar pela própria dependência que gera no indivíduo. Se hoje o computador travar, a conexão com a *Internet* falhar, o celular estiver fora de área, o fax não der sinal, qual a avaliação que faremos deste dia? Improdutivo, complicado, chato, estressante, ruim! Tempos atrás, quando esses recursos tecnológicos inexistiam, o homem proporcionava a si mesmo, com muito mais frequência, o prazer de sair às ruas, grato à vida pela oportunidade de apreciar uma radiante manhã de sol e poder descrevê-la em riqueza de detalhes numa carta a ser enviada a um amigo; no caminho até o

¹ YOUNG apud NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. “Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas”. Ana Maria Nicolaci-da-Costa é psicóloga, jornalista e professora do Departamento de Psicologia da PUC-Rio (Fonte consultada pela autora: YOUNG, K. Caught in the Net: how to recognize the signs of the Internet Addiction and winning strategy for recovery. New York: John Wiley & Sons.).

correio, quem sabe, descobrir outros trajetos, apreciar novos recantos da cidade; ao chegar a seu destino, conhecer o funcionário recém-contratado dos Correios e Telégrafos; em suma, interagir com seu semelhante e com o meio no qual habita, permitindo-se o *viver* e o *conviver* - infinidade de temas para a missiva seguinte. São sensações prazerosas que a “sociabilidade *on-line*” está cada vez mais subtraindo de nosso dia-a-dia.

Vivenciar o ritmo cadenciado da sociabilidade em “Nunca te vi, sempre te amei”, contraindo relacionamentos que vão se estreitando com o tempo, sem urgência, sem precipitação, parece-nos inviável nos dias atuais. O tempo da carta é o tempo da introspecção – ensejo concedido ao indivíduo de perscrutar seu mundo interior. O tempo do *e-mail* é o tempo da superficialidade, da interdição das palavras escritas por extenso e da impossibilidade de perseguir seus mais profundos significados.

Não se diga que o tempo da carta era perfeito, irreparável. Obviamente não o era. O que provém dos humanos sempre traz em si uma carga de incompletude. Contudo, é certo que as pessoas, àquela época, procuravam mais umas às outras, promoviam mais ocasiões para o contato pessoal. A carta era um instrumento destinado, na maioria das vezes, a vencer as grandes distâncias geográficas. Não se prestava a desaproximar os próximos. Afinal, o bom senso indicava que, entre deslocar-se até o correio para enviar uma missiva a um amigo – morador de um bairro não tão distante – e visitá-lo em sua própria residência, era preferível e mais prazeroso o contato direto.

O tempo do telefone, por seu turno, gerou mudanças na prática da sociabilidade: os bate-papos sem o face a face tornaram-se frequentes, as idas ao supermercado ou à farmácia da esquina passaram a ser mais raras, tão logo se propagou o sistema *delivery* (compras encomendadas por telefone e entregues em domicílio). Ressalte-se que essas práticas, hoje, com o modismo dos *e-mails* e dos *chats*, têm sido largamente intensificadas.

Tempo da carta, tempo do telefone, tempo da *Internet*... Marialva Barbosa², no artigo “Memória e tempo: arcabouços do sentido da contemporaneidade”, lembra que nossa relação temporal com o mundo foi profundamente alterada, a partir da vinculação apologética do homem com a tecnologia, evidenciando-se, por conseguinte, na “arquitetura temporal da

civilização contemporânea”, um “passado fluido” e um “presente volátil”.

A efemeridade, segundo Barbosa, além de refletir-se sobre a forma com que nos comunicamos, incide, também, sobre nosso modo de lidar com os objetos de consumo (“objetos substituíveis no ato e na essência”). Em acréscimo às ponderações da historiadora, ressalte-se que igualmente fugazes são as relações humanas e a identidade do próprio homem, quando permeadas pela obsessão consumista e pelo uso descomedido da tecnologia. Entrelaçados, o efêmero e o descartável urdem a teia do vazio contemporâneo. Juntos compõem a versão moderna da espada de Dâmoceles, pendente sobre a humanidade, sempre a fazê-la recordar o perigo do tédio, a gravidade da mesmice existencial. Sobranceiros, observam-nos em nossa movimentação cotidiana, através da qual somos, contraditoriamente, imóveis, tamanho o automatismo de nossos gestos. Nossos passos circulares e repetitivos - às vezes céleres em direção ao nada, às vezes vagarosos, tomados de incerteza - são incapazes de desviar-nos do raio de alcance da lâmina alongada e pontiaguda, que é a nossa própria existência sem essência.

Hoje, mais do que em qualquer outro momento da história da humanidade, imprime-se à celeridade um caráter positivo, intrinsecamente relacionado à idéia de perfeição. Uma atividade, ainda que bem realizada, é alvo de crítica quando sua concretização demanda certo tempo. Buscar o imediato! - eis a máxima contemporânea. Tarefas imediatas! Prazer imediato! Intolerância com a dor e o amor compassados! O sujeito que, na rotina diária, insiste em reservar alguns instantes para contemplar o belo e sentir a vida arrisca-se a ser estereotipado como o ineficiente, o improdutivo, aquele que não está apto a cargos de liderança dentro da empresa em que trabalha. Afinal, não interessa ao sistema capitalista vigente o humano, o *ser*, mas, sim, a extenuação despudorada das forças do indivíduo em prol do *ter*.

O homem tem percebido que pode valer-se de seu intelecto para aperfeiçoar a tecnologia, tornando-a cada vez mais rápida. No entanto, até o presente momento, não consegue prever toda a gravidade dessa conduta, por vezes olvidando tratar-se de uma via de mão dupla: à medida que influencia a tecnologia, é por ela igualmente influenciado. Sua exigência de maior

² Marialva Barbosa, doutora em História Social, professora titular de Jornalismo da Universidade Federal Fluminense - UFF e Membro do Corpo Docente Permanente do Mestrado de Comunicação, Imagem e Informação da UFF.

celeridade tecnológica conduziu-o a uma circunstância que supera seus próprios limites: a celeridade da tecnologia provocou a idéia do homem veloz, de tal forma que o mundo contemporâneo não exige apenas uma tecnologia rápida, mas também um homem célere. E a prova de que os limites humanos estão sendo afetados é a incidência cada vez maior de síndromes decorrentes dessa exigência contemporânea, a citar, por exemplo, a *síndrome do pensamento acelerado* - estado em que o indivíduo se debate com sua mente irrequieta, pensa e fala rápido demais, não consegue ordenar seus pensamentos e sucumbe ao estresse do excesso de informações que a tecnologia produz.

Isso tudo nos faz questionar: O que estamos construindo em termos de sociabilidade? É esta a sociabilidade que desejamos para nós – uma sociabilidade escravizada à noção de velocidade? Encontramo-nos realmente aptos e dispostos ao contato célere? Harvey (1992, p. 275) nos adverte que “a compressão do tempo-espaco sempre cobra o seu preço da nossa capacidade de lidar com as realidades que se revelam à nossa volta. (...) sob pressão, fica cada vez mais difícil reagir de maneira exata aos eventos”. O autor nos ajuda a compreender que a celeridade nos remete a conclusões e ações precipitadas, a julgamentos superficiais, sem que tenhamos sequer tempo para ficar em agonia quando diante da necessidade de tomarmos decisões complexas. Toda essa demanda por velocidade, que faz com que ninguém suporte esperar poucos minutos diante da tela do computador até que se abra o arquivo desejado, está tornando o homem impaciente, intolerante com os outros e consigo mesmo. Exemplo ilustrativo de tal situação é uma cena do filme “A Rede”: a protagonista, Ângela Bennett, analista de sistemas *freelance*, trabalha ao longo do dia em seu micro domiciliar e, à noite, no tempo livre que lhe resta, permanece diante do mesmo computador, tentando esquecer sua vida insípida nas salas de bate-papos virtuais. Em dado momento, é repreendida por Dale, funcionário da empresa para a qual presta serviços, por haver demorado a ligar para ele. A demora, no entanto, foi de apenas três minutos.

A própria arte cinematográfica, que ora nos possibilita conhecer Denise e Martin, Frank e Helene, introduziu a humanidade em um novo conceito de tempo. Na cena inicial de “Nunca te vi, sempre te amei”, Helene está em Londres - momento presente; na cena imediatamente seguinte, está em Nova York - vinte anos atrás. Eis uma amostra significativa do que o cinema alterou em nossas concepções espaço-

temporais - simultaneidade de tempos distintos, sobreposição de acontecimentos. As personagens da tela parecem já estar acostumadas. Entretanto, nós, as personagens da vida, ainda nos flagramos trôpegas diante das conseqüências geradas por tais alterações.

A sociabilidade não se manteve incólume a essa sobreposição de imagens, ocorrências e sentimentos. Bem ao contrário, as relações conquistadas no mundo real e os contatos realizados no espaço virtual contrapõem-se e sobrepõem-se desordenadamente no cotidiano do homem contemporâneo. O indivíduo, expondo-se ao drama de se inserir e de se buscar entre duas “realidades” mutuamente excludentes (mundo real X mundo virtual), arrisca-se à perda do sentido de sua própria identidade.

Em “Denise está chamando”, as personagens, com exceção da protagonista, manifestam, durante todo o filme, receio de se encontrarem. A fobia do encontro, todavia, não se encerra, simplesmente, no medo de deparar-se com o outro; desdobra-se na apreensão de enfrentar a si mesmo, de voltar a ver-se no outro, como em um espelho; sentir-se sem rosto nas “relações” que trava. Para muitos, um risco a menos na vida. Mas, que vida??? Vida sem face, desfigurada!!! Salwen, ao decidir que o telefone transtornaria as feições de Gale na hora de sua morte, certamente está a nos provocar: quer saber o porquê de nos assombrarmos com o desfecho da personagem, se nós mesmos, em nossas relações cotidianas, também, muitas vezes, nos desfiguramos, quer estampando máscaras sociais, quer ocultando nossas faces atrás de uma tela de computador. É o homem contemporâneo, perdido de sua verdadeira identidade, frágil como uma criança que desconhece o caminho de retorno para casa.

Contudo, na última cena da película, ao menos um encontro se concretiza: Denise e Martin, por fim, se conhecem pessoalmente. A protagonista do filme é a protagonista do encontro. E não poderia ser diferente. Afinal, Denise é a *personagem-portadora da vida*. Sua gravidez é extremamente simbólica, como se de seu ventre nascesse a esperança de resgate do tato, da interação, do calor humano. Denise é a única no filme que o tempo inteiro se desloca pela cidade, a suscitar no espectador a sensação de que ela está “*indo para*” ou “*chegando em*”. É a que ousa mostrar-se à luz da rua e dar à luz uma vida. É a que desperta a idéia de coletividade. A ligação telefônica coletiva, na hora do parto, foi providenciada por Martin, para atender ao desejo de sociabilidade da grávida: “Fiz uma ligação coletiva - *fala Martin a Denise* - porque você disse

que gostava de conhecer as pessoas”. Estar frente a frente com o pai de sua filha não deixa, entretanto, de ser para Denise um grande desafio, pois, embora seja a única a creditar alguma confiança às relações do mundo real, precisa munir-se de coragem para romper com suas próprias limitações. Nela também habitam certos receios de uma interação mais profunda. A maior evidência desse fato reside em sua adesão a um método conceutivo artificial. O que a diferencia das demais personagens não é a ausência de medos, mas sua resolução de enfrentá-los. A partir desse entendimento, o espectador é provocado a trazer, para o âmbito de sua vida pessoal, uma reflexão relevante: tem ele envidado esforços suficientes em prol da superação de seus próprios temores relacionais?

O encontro de Denise e Martin, porém, não é brindado sequer com o usual cumprimento do aperto de mãos, indício de que o tato, talvez em virtude do longo tempo de desuso, continua a esbarrar em significativos entraves que o impedem de fazer-se presente. Esse morno face a face entre as personagens é ainda muito tênue para assegurar ao espectador, de uma vez por todas, o sepultamento do telefone como meio preponderante de contato. Pode ser o princípio da mudança ou não. Nada é asseverado com certeza absoluta. Caso nova cena viesse a ser produzida, com o fito de dar continuidade à película, não seria de todo surpreendente se Denise e Martin voltassem a adotar o habitual sistema de comunicação telefônica, ou, em uma versão mais contemporânea, passassem também a trocar *e-mails*. As hesitações de Martin poderiam vir a prejudicar a relação real, fazendo-os retornar ao contato unicamente virtual, mesmo Denise sendo quem é: uma pessoa mais aberta à sociabilidade.

Afrodite, a filha de ambos, no mister de deusa do amor, entraria, então, em cena para uma batalha contra os beijos e abraços “*trocados*” via *on-line* pelos pais. Afinal, seu nome, assim como tudo mais no filme, não é fruto de um acaso. Ela, embora nascida de uma *não-relação*, está ali presente na hora do encontro dos pais – a deusa do amor, entre Denise e Martin, buscando uni-los, a favor do sentimento maior que ela representa. Conseguirá Afrodite cumprir a missão para a qual, provavelmente, foi predestinada? Conseguiremos nós, também, em nossas vidas, priorizar a conexão do amor real e vibrante, ao invés de voltarmos inteiramente para as conexões via *Internet*?

O desfecho do filme “Denise está chamando” é, pois, um grande ponto de interrogação: O homem, no futuro, reduzirá a pó o elemento tátil em suas relações?

Tornará seu corpo mais presente em seus contatos, ou optará por ser cada vez mais representado pelos aparelhos tecnológicos? Exercerá a sociabilidade de forma direta, face a face, olho no olho? Denise e Martin encerram o filme, andando lado a lado sem se tocarem. O encontro dessas personagens não garante quaisquer respostas aos questionamentos ora levantados, não gera nenhum compromisso ou promessa; apenas se traduz como uma centelha de esperança de que o homem futuro venha a lidar com a tecnologia de forma mais amadurecida que o homem presente, conscientizando-se dos limites que ele mesmo deve estabelecer em sua relação com as máquinas.

Em “Nunca te vi, sempre te amei”, o panorama é outro: Frank morre, sem que Helene tenha a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente. Nesse roteiro, o encontro físico é plenamente dispensável, uma vez que a escritora e o gerente londrino viveram, durante todo filme, um encontro de maior plenitude do que o comumente produzido por nossos corpos. Seus espíritos estavam tão profundamente unidos, a ponto de Helene confessar: “Sabe, Frankie, você é a única alma viva que me entende”. Não precisava, pois, haver encontro físico para que houvesse esperança de vida. A vida já se fazia a cada carta, a cada obra literária recebida e amada em seus mais sutis detalhes: o pergaminho macio... a impressão em letras douradas... as páginas margeadas a ouro. Frank e Helene, espíritos despertos não apenas à sociabilidade humana, mas também à interação com seres superiores - aqueles que convencionamos chamar de “livros”.

Helene tem poucos, porém bons amigos. É prestativa com os que fazem parte de seu ciclo de convívio em Nova York e com seus correspondentes londrinos. Em tempos de severo racionamento na Europa, envia gêneros alimentícios para os funcionários da livraria. De vez em quando, cuida do bebê de um casal de amigos nova-iorquinos, possibilitando-lhes, assim, alguns passeios a dois. Presentes são oferecidos e recebidos. A sociabilidade encontra certo espaço na vida reservada de Helene. Já em “Denise está chamando”, não há troca de favores, nem de oferendas. Ninguém é capaz de, ao menos, remeter uma pequena lembrança pelo correio - quanto mais entregá-la pessoalmente. Toda essa inércia traz à baila uma sociabilidade enferma, que, ao invés de reavivar-se a cada toque do telefone, definha mais e mais, pois, se veio o telefonema, isto é sinal de que a pessoa não vem.

A historiadora Margareth Rago, no artigo

“Globalização e imaginário sexual, ou Denise está chamando”, cita o resultado de uma pesquisa realizada nos Estados Unidos, a qual afirma que a família ideal é, hoje, formada por “um solitário, um animal de estimação e um computador multimídia, plugado na *Internet*”³. Esse resultado é reflexo de uma sociedade que vem, progressivamente, perdendo a noção de sociabilidade. Já está na hora de a humanidade volver seu olhar ao passado, na tentativa de resgatar valores e sentimentos que, pouco a pouco, estão sendo *deletados* do mundo contemporâneo, em virtude do uso desordenado da tecnologia. Ainda somos capazes de aprender com as cartas de “Nunca te vi, sempre te amei”. Para isso, basta-nos cultivar a boa vontade e a consciência de que a vida não é possível sem a prática da sociabilidade real. Aqueles que privilegiam a *sociabilidade* virtual, mantendo-se como ilhas no mundo concreto, convém contrariarmos com a citação de um pensamento de Gaiarsa (1984, p. 72): “eu sou uma ilha e os outros são o mar.”

O paradoxo da construção da sociabilidade em “Nunca te vi, sempre te amei” e de sua desconstrução em “Denise está chamando” torna, decididamente, ambos os filmes imperdíveis. Considerando-os não apenas produções cinematográficas, mas, também, fontes de certos ensinamentos, provavelmente seremos, por eles, auxiliados em nossa forma de lidar com os recursos tecnológicos, afastando-nos do risco de nos transformarmos nos indivíduos descritos na frase de Helene Hanff: **peças com as quais as coisas não aconteceram, e, portanto, nunca viveram.**

Referências

- A REDE (The Net). Direção: Irwin Winkler. Roteiro: Michael Ferris/John Brancato. Intérpretes: Sandra Bullock, Jeremy Northam, Dennis Miller, Diane Baker, Wendy Gazelle, Ken Howard. EUA, 1995. Filme (118 min.): DVD, Ntsc, son., color. Legendado. Port.
- BARBOSA, Marialva. **Memória e tempo**: arcabouços do sentido da contemporaneidade. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/marial2.htm>>. Acesso em: 5 nov. 2004.
- DENISE está chamando (Denise Calls Up). Direção: Hal Salwen. Roteiro: Harold Salwen. Intérpretes: Tim Daly, Caroleen Feeney, Dan Guther, Aida Turturro. EUA, 1995. Filme (80 min): DVD, Ntsc, son., color. Legendado. Port.
- DOMINGUES, Diana. **A arte no século XXI**: a humanização das tecnologias. São Paulo: UNESP, 1997.
- FRANÇA, Vera Regina Veiga. Sociabilidade: implicação do conceito no estudo da comunicação. In: BRAGA, José Luiz; PORTO, Sérgio Dayrell; FAUSTO NETO, Antonio. **A encenação dos sentidos**: mídia, cultura e política. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995. p. 55-66.
- FROMM, Erich. **A revolução da esperança**: por uma tecnologia humanizada. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.
- GAIARSA, José Ângelo. **O espelho mágico**: um fenômeno social chamado corpo e alma. São Paulo: Summus, 1984.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.
- NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. **Na malha da rede**: os impactos íntimos da Internet. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. **Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722002000200009>. Acesso em: 26 set. 2005.
- NUNCA TE VI, sempre te amei (84 Charing Cross Road). Direção: David Hugh Jones. Roteiro: James Kooser-Evans. Intérpretes: Ann Bancroft, Antony Hopkins, Judi Bench. EUA, 1986. Filme (99 min): DVD, Ntsc, son., color. Legendado. Port.
- RAGO, Margareth. **Globalização e imaginário sexual, ou Denise está chamando**. Disponível em: <<http://lite.fae.unicamp.br/grupos/geish/margareth.html>>. Acesso em: 16 set. 2005.

³ Margareth Rago é historiadora, professora do Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (Fonte: www.lite.fae.unicamp.br/grupos/geish/margareth.html).